

Coping em uma População do Nordeste Brasileiro¹

Coping Styles in a Brazilian Northeast Population

José Angel Vera-Horriega

Centro de Investigación en Alimentación y Desarrollo, A. C. - Hermosillo, Sonora, México

Francisco José Batista de Albuquerque

Universidade Federal da Paraíba

Jesús Francisco Laborin Alvarez

Centro de Investigación en Alimentación y Desarrollo, A. C. - Hermosillo, Sonora, México

Carlos Eduardo Pimentel

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Utilizou-se a versão ajustada da escala mexicana de estilos de *coping* para obter a validade de construto e as diferenças por sexo, idade, religião, preferência política, parceiro (a) e renda na população da Paraíba, através de uma amostra dividida por idade e sexo, com 600 pessoas pertencentes a três grupos: 14-22, 23-35 e 36-60 anos. A análise dos componentes principais com rotação varimax apresentou três fatores para as seis situações-problema: vida, escola/trabalho, amigos, família, parceiro e saúde. Os três fatores definem os três estilos de *coping*. O estilo direto foi mais freqüente entre as mulheres, adolescentes, população urbana, nas pessoas com renda de até 3 salários mínimos, entre os que cursavam a segunda fase do ensino fundamental e entre os evangélicos.

Palavras-chave: estilos de enfrentamento aos problemas, personalidade, validade de construto e nordeste brasileiro.

Abstract

An adjusted version of the Mexican coping scale was used to obtain construct validity and differences by gender, age, religion, political preferences, couple and income from a population of Paraíba. This was done through a sampling divided by age and gender with 600 people that belonged to three age groups: 14-22, 23-25 and 36-60 years of age. Two principal components with varimax rotation were analyzed presented in three factors for six problem situations: life, school/work, friends, family, couples and health. The outcomes show us that women presented higher averages in higher means in the use of the three different coping styles. By age group, differences were observed in the three different styles; as for adolescents it was verified that they had the highest frequencies in the direct style. As for level of education in the direct style, those who were in their second grade of education presented the highest means. For religion, the evangelists had the highest frequencies in the use of direct style.

Key words: Validation by construct, coping styles, Brazilian Northeast.

Os acontecimentos estressantes da vida diária afetam as pessoas de maneira emocional, cognitiva e fisiológica – mas existem formas de enfrentar os estressores mediante distintas maneiras, trazendo para este tema renovada atenção na psicologia da personalidade (Averil, 1973; McCrae, 1984; Lazarus & Folkman, 1991; Lazarus, 1993; Carver & Scheier,

1997) e psicologia transcultural (Díaz, 1998; Góngora, 1998; Góngora & Reyes, 1998).

Alguns estudos têm estabelecido a influência da personalidade no enfrentamento. Larson (1978) encontrou que as características de personalidade e as respostas de *coping* têm diferentes efeitos no bem-estar. As primeiras parecem mais de ajuda nas áreas de pouco controle, como no trabalho, e as segundas onde os esforços da pessoa poderiam fazer a diferença, como no matrimônio.

Endereço para Correspondência
Francisco José Batista de Albuquerque
Universidade Federal da Paraíba
CCHLA - Departamento de Psicologia
58059-900 João Pessoa, Pb
frajoba@uol.com.br

¹ O autor agradece a Capes pela bolsa como professor visitante para realização da pesquisa. Agradece também a Miriam Teresa Dominguez por sua contribuição.

Bolger (1990) encontrou que o neuroticismo como característica de personalidade indica maior vulnerabilidade ao estresse e influi na seleção das estratégias de *coping*. Aspinwall e Taylor (1992) em um estudo longitudinal, com uma amostra de 672 estudantes, chegaram à conclusão que é mais provável que as predisposições de personalidade sejam preditoras das maneiras pelas quais os sujeitos enfrentam o estresse do que o contrário.

Vê-se, portanto, que existem evidências de que as características de personalidade influem nas estratégias de *coping*, mas é fundamental também ressaltar que a personalidade e o *coping* se dão em um contexto que propicia ou favorece determinado tipo de resposta e este contexto pode ser específico como a situação particular que se enfrenta, ou mais amplo e geral como a cultura (Vera-Noriega, 1997; Vera-Noriega & Silva, 2000; Laborin & Vera-Noriega, 2000).

Porém, para saber o tipo de relação de *coping* com outros construtos que integram a personalidade, torna-se importante determinar o nível de generalidade em que se está falando, já que o *coping* pode ser uma resposta específica, uma estratégia, um estilo, uma disposição ou um reflexo da personalidade (Góngora, 1998).

Propõe-se que o *coping* é parte da personalidade, entendendo a personalidade como as invariantes do comportamento que resultam da interação do indivíduo com sua cultura. Dessa forma, isto levaria a pensar que quando se tem determinada personalidade, ter-se-ia determinados estilos de *coping* (Díaz-Guerrero, 1990, 1997). Não obstante, um dos temas de maior polêmica no seu estudo é, precisamente, o que tem a ver com sua estabilidade ou variabilidade. Os resultados dos estudos empíricos, aparentemente, vão de um sentido a outro. Como os que apóiam que o *coping* se manifestam de maneira estável ou consistente (Bolger, 1990; Endler, Kantor & Parker, 1994; Frydenberg & Lewis, 1994; Hoffman, Levy, Sohlberg & Zarizki, 1992; McCrae, 1993; Miller, 1987; Nolen, Parker & Learson, 1994). Esta aproximação se poderia resumir em uma das conclusões a que chega Terry (1994) quando sugere que como as pessoas enfrentam respostas a um novo evento, parece ser, em parte, função de como enfrentaram no passado.

No entanto, por outro lado, também existem dados que apóiam a variabilidade ou mudança no *coping* (Folkman & Lazarus, 1980; Folkman & Lazarus, 1985; Folkman, Lazarus, Dunkel, DeLongis & Gruen, 1986) e também existem posturas que se poderiam qualificar como intermediárias entre estas duas posições de

variabilidade e mudança (Carver & Scheier, 1997; Endler & Parker, 1990; McCrae, 1993).

Um exemplo que confirma a não necessária contradição entre as dimensões de generalidade-especificidade é o estudo realizado por Kavsek & Seiffge, (1996) para provar que os diferentes níveis de generalidade dão lugar a distintos graus de variabilidade e/ou consistência. Estes autores põem a prova o grau de consistência de dois estilos básicos de *coping*: aproximação e evitação, e incluem vinte estratégias mais específicas em oito situações distintas.

Kavsek & Seiffge, (1996) chegaram à conclusão que os estilos que se relacionam mais com traços de personalidade têm mais consistência que as estratégias que se associam mais com o *coping* como processo, e que são abstrações não observáveis que podem ser usadas como um critério básico para classificar as estratégias observáveis.

De fato, Lazarus (1991a, 1993) tem encontrado mais mudança nas estratégias, provavelmente porque em seus estudos se utilizam categorias micro analíticas, que permitem saber mais dos mecanismos em seu papel mediador entre a situação e a adaptação. É um nível mais micro molar, para dizê-lo em termos que também usa Lazarus (1991b) o traço e a disposição está em um nível mais molar que supõe uma integração das estratégias e as respostas que gradualmente têm um nível de maior especificidade. Como assinalam Hartup & Van LieShout (1995) a pessoa se move entre o geral e o específico e entre a variabilidade e a mudança.

Lazarus e Folkman (1991) estabelecem que as definições de *coping* devem incluir todos aqueles esforços necessários para manejar as demandas estressantes, independentemente do resultado. Baseado neste princípio teórico se assume que nenhuma estratégia é incientemente melhor que a outra, pois supõe muitos fatores pessoais e situacionais desde uma perspectiva sócio-cultural. Sendo assim, considera-se que a melhor forma de *coping* deve ser analisada considerando as pessoas, a situação, o problema e a cultura.

Atualmente cada vez mais pesquisadores consideram este princípio teórico na avaliação das respostas de *coping*. Entretanto, grande quantidade de pesquisas de diversas partes do mundo têm caracterizado o *coping* bem sucedido como aquele dirigido ao problema ou tarefa, estes resultados demonstram que algumas estratégias orientadas à emoção, correlacionam com algumas características negativas, com a menor idade das pessoas e com o sexo feminino enquanto que os estilos orientados ao pro-

blema estão associados com características positivas, maior idade das pessoas e com o sexo masculino. Como exemplo, os papéis e expectativas das pessoas com base no sexo, influem sobre a forma de respostas de *coping* na medida em que desde o momento do nascimento se educam os indivíduos a emitir determinadas respostas de acordo com o papel social designado, dependendo do sexo.

Triandis, Bontempo, Villareal, Asai & Lucca (1989), no contexto cultural, têm se referido também a este aspecto de generalidade e o ilustram com o exemplo de um observador que se está à distância perceberá as coisas como se fossem mais semelhantes, mas se se aproxima, as verá mais mutáveis e variáveis. Isto é, dependendo do método que se eleja, encontraram-se certos resultados. Pareceira que o mais conveniente seria um ponto de vista relacional, intermediário e integrador entre o micro molar e o molar.

Posto que já se tem dito que o *coping* é um mediador para poder estudar o vínculo dos esforços individuais, entre as características de personalidade (o eu), assim como as situações ambientais e culturais por um lado (os antecedentes) e a adaptação ou a saúde psicológica, por outro, (os conseqüentes) é necessário ter em conta vários aspectos, pois se tem provado que a relação é mais bidirecional (Folkman, Lazarus, Dunkel, DeLongis & Gruen, 1986) já que além de que a percepção e avaliação do problema influem na maneira de enfrentá-lo, esta forma particular de responder, influi na reavaliação que a pessoa faz do que está em risco e quais são as opções para enfrentar a situação.

Outro aspecto empírico conveniente de revisar, no estudo de *coping*, é o tipo de instrumentos que se empregam para medi-lo. Uma das conseqüências implícitas neste campo é que não necessariamente se está medindo o que se acredita medir. Por exemplo, Staton, Danoff, Cameron & Ellis (1994) assinalaram que vários problemas teóricos e conceituais das estratégias centradas na emoção chegam a ser aparente quando se examinam os instrumentos existentes desenhados para medir estas estratégias, pois fazem uma análise crítica do instrumento, sobretudo do WOC de Lazarus, porque é o mais usado e assinalam que muitos itens parecem confundir os esforços de *coping* com relação emocional e especificamente com o distress.

Considera-se ainda que o estudo das modificações que ocorrem na medida em que os indivíduos se desenvolvem reportam diferenças entre os diversos períodos de idade, provocando mudanças

nas respostas de *coping* (González, 1998; Díaz-Loving, 1998; González & Jiménez, 1998; Góngora & Reyes, 2000; La Rosa, 1986). A propósito, Góngora (1998) menciona que as conclusões destes pesquisadores não foram determinantes ao indicarem que as avaliações positivas ou negativas das estratégias de *coping* dependem da interpretação particular de cada grupo cultural na qual se desenvolve a problemática.

Finalmente, apoiados em evidências de dados obtidos em culturas coletivistas (Gouveia & Clemente, 1998), cujo objetivo de trabalho consistiu em obter a validade de construto da Escala Multi dimensional de estilos de *Coping* (EMEC) de Góngora e Reyes, (1999) para a população da Paraíba, no nordeste brasileiro. Por outro lado, objetivou-se levar a cabo comparações para cada fator e as variáveis sócio-demográficas: sexo, idade, religião, preferência política, parceiro (a) e renda aproximada.

O interesse pelo Nordeste brasileiro e em particular com o estado da Paraíba teve três razões: 1) considerando que as estruturas sociais e ecológicas jogam um papel importante na explicação da variância dos estilos, desenvolveu-se um estudo transcultural, comparando as capitais da América Latina, em que existe um clima semi-árido, próximo ao mar, com populações de até 500 mil habitantes, com pouca população indígena e com indicadores de um baixo desenvolvimento sócio-econômico. Os estados são: Paraíba (Brasil), La Guarija (Colômbia), Antofagasta (Chile) e Sonora (México); 2) a necessidade de estudar os estilos de personalidade da classe média de distintas culturas com escolaridade no mínimo referente à primeira fase do ensino fundamental e com um intervalo de idade de 14 a 65 anos com o fim de elaborar hipóteses de continuidade desde um desenho trans-cultural comparativo e 3) comprovar a capacidade de medida e generalização do instrumento em uma população culturalmente distinta, mas socialmente semelhantes à comparação.

Método

Amostra

Constituiu-se de 600 sujeitos de ambos os sexos, selecionados não-probabilisticamente, com idades variando de 14 a 60 anos, divididos em três grupos: adolescentes-jovens (14-22 anos), jovens-adultos (23-35 anos) e adultos (36-60 anos).

Para controlar a pertença social e identidade cultural, somente participaram neste estudo aquelas

peças que residiam no Estado da Paraíba em um período de tempo referente à metade da idade mais cinco anos.

Instrumento e procedimento

Utilizou-se a Escala de Estilos de Coping (EEC) elaborada por Góngora e Reyes, (1998), partindo da sua forma validada para a população do noroeste do México (Vera-Noriega & Silva, 2000). Constituiu-se de um questionário auto-aplicável de respostas tipo *Likert Pictórico* de sete pontos (Reyes, 1996), integrado por seis situações-problema (vida, escola/trabalho, família, amigos, parceiro (a) e saúde) em que cada situação possui 18 itens, totalizando 108 itens.

A escala foi formulada por seis estilos de coping: 1) *direto*: quando as pessoas expressam fazer algo, seja cognitiva ou comportamentalmente, para resolver o problema; 2) *emocional*: quando as pessoas expressam um sentimento, uma emoção ou uma manifestação cognitiva ou comportamental dessa emoção frente a um problema; 3) *evasivo*: quando as pessoas expressam algo para escapar do problema ou evitá-lo, para não ver sua importância, seja de maneira cognitiva ou comportamental; 4) *revalorativo*: quando as pessoas expressam dar um sentido positivo do problema para sua percepção; 5) *direto-social*: quando as pessoas solicitam ajuda de alguém ou compartilham com alguém suas idéias ou opções para resolver o problema e 6) *emocional-comportamental*: a expressão de um sentimento ou uma emoção em alguma forma de conduta aberta (Góngora & Reyes, 2000).

Para os diferentes grupos a aplicação do instrumento foi da seguinte maneira: nas pessoas de 14-22 anos se deu de maneira coletiva nas respectivas salas de aula e para os demais grupos (23-35 e 36-60 anos) foi tanto coletiva como individualmente nos locais de trabalho, praças, parques e/ou casas.

Resultados

Inicialmente, realizaram-se análises multivariadas para cada uma das situações-problema que conformam o construto. Ditas análises consistiram em análise de componentes principais, com rotação *varimax* (Nunnally & Berstein, 1995) e posteriormente, realizou-se um *Alpha de Cronbach* para os itens de cada situação-problema que integram o instrumento, com a finalidade de verificar os índices de consistência interna. Em seguida, realizaram-se análises de correlação *r* de *Pearson* para cada uma das

situações-problema, com o propósito de averiguar a ortogonalidade.

Finalmente, realizou-se uma análise de variância *one-way*, com as variáveis sócio-demográficas, incluindo todas as dimensões de enfrentamento encontradas em cada uma das situações-problema, para analisar as semelhanças e diferenças nos estilos de coping.

As análises descritivas para a população geral demonstraram as seguintes características: a população por estado civil se dividiu em 67,1% de solteiros, 29,7% de casados e 3,0% de viúvos ou separados. Com respeito à religião, verificou-se que 73,3% são católicos, 9,3% professam a religião evangelista, 5,3% são espíritas e 12,2% pertencem a outras religiões. Na preferência política, encontrou-se que 55,5% não simpatizam com nenhum partido, 29,1% como o PT (Partido dos Trabalhadores) e 9,8% com o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e 5,5% com outros. São oriundos da zona urbana 72,3% e 27,7% da zona rural. Com relação à escolaridade, observou-se que 46,5% são do ensino médio, 40,9% são da segunda fase do ensino fundamental e 12,3% têm escolaridade referente à primeira fase do ensino fundamental. Por tipo de trabalho, os participantes se distribuíram em 33,7% de empregados públicos e 23,2% empregados privados, 12,6% trabalham como prestadores de serviços autônomos, 11,3% são aposentados, 7,4% são profissionais graduados (nível superior), 6,4% são profissionais com nível técnico, 4,1% empresários e 1,0% correspondem a desempregados e pensionistas. Referente ao tipo de residência, 85,7% tem casa própria e 14,2% alugada. Por fim, 24,2% recebem entre 1 e 3 salários mínimos (s.m.), 22,7% entre 3 e 5 s.m., 29,3% entre 5 e 10 s.m. e 23,7% mais de 10 s.m. A análise de correlação de Pearson demonstrou que os estilos são ortogonais pelas situações problema e que os estilos direto, social e evasivo se correlacionam inversamente.

Após a análise fatorial exploratória a escala final continuou com um total de 108 itens e o índice de *Alpha de Cronbach* com .95. Os resultados da análise indicaram que as seis categorias de estilos de coping foram reduzidas a três mais gerais. A primeira dimensão engloba o estilo revalorativo, direto social e direto, a segunda identifica o estilo evasivo e a terceira reúne os estilos emocional e emocional-comportamental. Estes estilos de aproximação versus evitação da situação estressante referem-se a busca de informação e evitação, focalização de atenção ou distração (Scomazzon, Dalbosco & Rushel, 1998).

Como se pode ver na Tabela 1, o estilo direto revalorativo-social teve maior variância explicada e

índices de *Alpha de Cronbach*, o qual indica a frequência com que o estilo é usado em cada contexto. Em todos os contextos o estilo direto explicou de 40 a 45% da variância total, exceto no contexto saúde (32,1%) e amigos (37,5%). Por outro lado, o estilo evasivo apresentou médias mais baixas e valores de variância explicada de 8 a 12%, para o contexto saúde (16,6%) e amigos (13,2%) (ver Tabela 1). O estilo direto inclui itens como: trato de resolvê-los, de superá-los, de enfrentá-los. Na dimensão revalorativo-social, têm-se itens tais como: peço conselho, falo com outras pessoas. O de tipo evasivo: prefiro sair à rua, durmo para não pensar nos problemas, trato de divertir-me para não pensar nos problemas. Finalmente o de tipo emocional inclui: me angustio, choro, me sinto triste, expresso minha raiva.

Efetuou-se uma análise de variância *one-way* por grupo de idade, sexo, tipo de trabalho, série cur-

sada, renda, religião e preferência política e zona de procedência.

Encontraram-se diferenças significativas entre homens e mulheres para a *situação amigo* no estilo direto revalorativo-social e no estilo emocional para a *situação parceiro (a)* e *escola/trabalho*. Como se pode observar, as mulheres apresentam pontuações mais altas de frequência no uso dos três estilos de *coping* em todos os contextos (ver Tabela 2).

Por grupo de idade, encontraram-se diferenças significativas em todas os estilos de *coping*, exceto para a *situação vida* no estilo evasivo e a *situação saúde* no estilo emocional. É interessante notar que a diferença tem sua origem nas frequências médias, muito baixas, dos adultos no uso do estilo direto e altas no estilo evasivo e emocional. Pois, a média da frequência para o estilo direto nos adultos variou de 2,12 a 2,49 e para os adolescentes foi de 5,25 a 5,90. Já a média do estilo

Tabela 1. Parâmetros fatoriais para as dimensões obtidas da EMEP

| Fatores obtidos para cada item da dimensão família | Direto revalorativo-social | Evasivo | Emocional |
|--|----------------------------|---------|-----------|
| Variância explicada | 43,54 | 8,59 | 13,58 |
| Alpha de Cronbach | 0,95 | 0,70 | 0,74 |
| Total da variância explicada | 65,72 | | |
| Total de Alpha de Cronbach | 0,86 | | |
| Fatores obtidos para cada item da dimensão escola / trabalho | | | |
| Variância explicada | 44,56 | 12,46 | 6,99 |
| Alpha de Cronbach | 0,94 | 0,67 | 0,45 |
| Total da variância explicada | 64,02 | | |
| Total de Alpha de Cronbach | 0,85 | | |
| Fatores obtidos para cada item da dimensão parceiro (a) | | | |
| Variância explicada | 42,28 | 12,96 | 8,36 |
| Alpha de Cronbach | 0,95 | 0,80 | 0,61 |
| Total da Variância Explicada | 63,15 | | |
| Total do Alpha de Cronbach | 0,68 | | |
| Fatores obtidos para cada item da dimensão vida | | | |
| Variância explicada | 40,55 | 8,97 | 11,50 |
| Alpha de Cronbach | 0,94 | 0,56 | 0,67 |
| Total da Variância explicada | 61,03 | | |
| Fatores obtidos para cada item da dimensão saúde | | | |
| Variância explicada | 32,10 | 16,67 | 10,26 |
| Alpha de Cronbach | 0,89 | 0,73 | 0,71 |
| Total da variância explicada | 59,05 | | |
| Alpha Cronbach | 0,77 | | |
| Fatores obtidos para cada item da dimensão amigo | | | |
| Variância explicada | 37,07 | 13,27 | 7,95 |
| Alpha de Cronbach | 0,91 | 0,73 | 0,52 |
| Total da variância explicada | 58,30 | | |
| Total do Alpha de Cronbach | 0,74 | | |

Tabela 2. Análise de variância por sexo da EMEP

| Direto Revalorativo-social | F | P | Médias Homens | Médias Mulheres |
|----------------------------|-------|-------|---------------|-----------------|
| Vida | 2,60 | 0,61 | 4,48 | 4,56 |
| Saúde | 3,16 | 0,07 | 4,19 | 4,43 |
| Parceiro (a) | 0,54 | 0,46 | 4,57 | 4,69 |
| Família | 2,04 | 0,15 | 4,39 | 4,61 |
| Esc./Trab. | 1,84 | 0,17 | 4,41 | 4,60 |
| Amigo | 5,27 | 0,02 | 4,26 | 4,58 |
| Evasivo | F | P | Médias Homens | Médias Mulheres |
| Vida | 0,07 | 0,78 | 4,09 | 4,31 |
| Saúde | 2,10 | 0,14 | 3,67 | 3,86 |
| Parceiro (a) | 3,07 | 0,08 | 4,57 | 4,69 |
| Família | 0,02 | 0,88 | 4,15 | 4,71 |
| Esc./Trab. | 0,18 | 0,66 | 3,95 | 3,90 |
| Amigo | 0,001 | 0,98 | 3,75 | 3,75 |
| Emocional | F | P | Médias Homens | Médias Mulheres |
| Vida | 3,18 | 0,07 | 3,80 | 3,82 |
| Saúde | 1,43 | 0,23 | 3,97 | 4,12 |
| Parceiro (a) | 23,53 | 0,001 | 3,90 | 4,42 |
| Família | 0,02 | 0,88 | 3,97 | 3,99 |
| Esc./Trab. | 15,02 | 0,001 | 3,92 | 4,35 |
| Amigo | 2,43 | 0,11 | 3,90 | 4,07 |

evasivo para os adultos foi de 3,36 a 4,97 e para os adolescentes de 1,65 a 3,22 (ver Tabela 3).

No que diz respeito ao tipo de trabalho, encontrou-se diferenças significativas para todas as situações nos estilos direto revalorativo-social e evasivo. A diferença estatisticamente significativa está relacionada à baixa frequência no estilo direto, por parte dos empregados públicos, e alta frequência no evasivo. As pontuações médias no uso do estilo direto em empregados públicos foi de 3,75 a 3,83 e para os profissionais (de nível superior e técnico) foi de 3,94 a 4,12. O estilo evasivo variou de 3,94 a 4,12 para os empregados públicos e 2,53 a 4,70 para profissionais autônomos (ver Tabela 3).

Tal e como se observa na Tabela 4, as pessoas da zona rural têm uma frequência menor no uso do estilo direto, ao passo que nos estilos evasivo e emocional não existem diferenças estatisticamente significativas. As médias obtidas no uso do estilo direto em pessoas nascidas na zona urbana variaram entre 4,47 a 4,74, enquanto que para as pessoas da zona rural foi de 3,90 a 4,13. As diferenças nos estilos evasivo e emocional não foram estatisticamente significativas.

Concerente à religião, encontrou-se diferença significativa para o estilo direto revalorativo-social, relacionado com uma maior frequência no estilo di-

reto por evangélicos e uma menor frequência por parte dos espíritas. O intervalo das médias para o estilo direto para os evangélicos foi de 4,53 a 4,79 e para espíritas de 3,34 a 3,36. No estilo evasivo, os evangélicos obtiveram 3,29 a 4,35 e os espíritas 3,94 a 4,07 (ver Tabela 5).

Para a escolaridade, no estilo direto, aqueles que se reportaram estar cursando a segunda fase do ensino fundamental apresentaram as médias de frequência mais altas do que aqueles que se reportaram estar cursando o ensino médio. No estilo evasivo, as frequências mais altas foram para os no nível médio e as mais baixas os de escolaridade referente à segunda fase do ensino fundamental. As médias do estilo direto para pessoas da segunda fase do ensino fundamental variaram de 4,30 a 4,62 e para o ensino médio variou de 3,97 a 4,23. O intervalo para o estilo evasivo variou de 3,33 a 4,04 para a segunda fase do ensino fundamental e 3,83 a 4,26 para as pessoas que se reportaram estar cursando o ensino médio (ver Tabela 5).

Por renda aproximada, as pessoas que recebem até três salários mínimos apresentaram frequências médias mais altas para o uso do estilo direto em todas as situações e a mais baixa no estilo evasivo. Enquanto os que ganham acima de 10 salários mínimos apresentaram as frequências médias mais bai-

Tabela 3. Análise de variância por grupo de idade e tipo de trabalho da EMEP

| DIRETO | Grupo de idade | | Tipo de trabalho | | | |
|--------------|----------------|-------|------------------|--------|-------|-------|
| | F | P | MEDIA | F | P | MEDIA |
| Amigo | 578,8 | 0,001 | 5,54 | 11,46 | 0,001 | 3,78 |
| Esc./Trab. | 870,6 | 0,001 | 5,67 | 11,81 | 0,001 | 3,83 |
| Familia | 844,7 | 0,001 | 5,60 | 10,12 | 0,001 | 3,78 |
| Parceiro (a) | 942,5 | 0,001 | 5,84 | 12,426 | 0,001 | 3,81 |
| Saúde | 446,7 | 0,001 | 4,98 | 9,723 | 0,001 | 3,68 |
| Vida | 1383,1 | 0,001 | 5,80 | 13,687 | 0,001 | 3,75 |
| EVASIVO | F | P | MEDIA | F | P | MEDIA |
| Amigo | 41,49 | 0,001 | 3,22 | 2,26 | 0,04 | 3,95 |
| Esc./trab. | 18,61 | 0,001 | 3,45 | 4,67 | 0,01 | 4,09 |
| Familia | 23,90 | 0,001 | 4,76 | 2,97 | 0,01 | 4,17 |
| Parceiro (a) | 184,6 | 0,001 | 1,65 | 11,83 | 0,01 | 4,12 |
| Saúde | 50,26 | 0,001 | 3,18 | 3,64 | 0,01 | 4,04 |
| Vida | 1,04 | 0,35 | 4,67 | 4,16 | 0,01 | 3,94 |
| EMOCIONAL | F | P | MEDIA | F | P | MEDIA |
| Amigo | 5,04 | 0,01 | 3,99 | 0,95 | 0,44 | 4,04 |
| Esc./Trab. | 21,78 | 0,01 | 4,30 | 1,65 | 0,14 | 3,94 |
| Familia | 39,28 | 0,01 | 3,55 | 0,09 | 0,06 | 4,22 |
| Parceiro (a) | 99,6 | 0,01 | 4,41 | 1,47 | 0,19 | 3,78 |
| Saúde | 0,35 | 0,70 | 3,98 | 1,47 | 0,19 | 4,08 |
| Vida | 58,7 | 0,01 | 3,72 | 1,16 | 0,32 | 4,06 |

Tabela 4. Análise de variância por Zona para o estilo direto na EMEP

| Direto Revalorativo-social | Zona | F | P | Media |
|----------------------------|--------|-------|------|-------|
| Amigo | Urbana | 6,89 | 0,01 | 4,53 |
| | Rural | | | 4,13 |
| Escola | Urbana | 8,07 | 0,01 | 4,63 |
| | Rural | | | 4,17 |
| Familia | Urbana | 8,83 | 0,01 | 4,64 |
| | Rural | | | 4,12 |
| Parceiro (a) | Urbana | 5,11 | 0,02 | 4,74 |
| | Rural | | | 4,32 |
| Saúde | Urbana | 15,26 | 0,01 | 4,47 |
| | Rural | | | 3,90 |
| Vida | Urbana | 6,63 | 0,01 | 4,64 |
| | Rural | | | 4,19 |

xas no estilo direto e as mais altas no evasivo. A média para estilo direto em pessoas que têm uma renda máxima de três salários mínimos foi de 4,76 a 5,04 e para aqueles com mais de 10 salários mínimos foi de 3,90 a 4,09. Para o estilo evasivo se obtiveram intervalos de 3,42 a 4,77 para o grupo com três salários mínimos no máximo e 3,90 a 4,16 para mais de 10 salários mínimos (ver Tabela 6).

Por preferência política se observou que as frequências médias para o uso do estilo direto em todos os contextos foram mais altas para os simpatizantes do PMDB, mas esses tiveram as médias mais baixas no uso do estilo evasivo, contrariamente, aqueles sem preferência política tiveram as médias mais baixas no estilo direto e mais altas no evasivo. As médias dos simpatizantes do PMDB no estilo direto variaram de 4,72 a

Tabela 5. Análise de variância por religião e escolaridade na EMEP

| DIRETO | Religião | | Grau de escolaridade | |
|-----------|----------|------|----------------------|------|
| | F | P | F | P |
| | 3,28 | 0,02 | 4,29 | 0,01 |
| | 2,81 | 0,03 | 6,16 | 0,01 |
| | 1,92 | 0,12 | 9,21 | 0,01 |
| | 2,61 | 0,05 | 11,88 | 0,01 |
| | 3,78 | 0,01 | 12,22 | 0,01 |
| | 2,49 | 0,05 | 7,15 | 0,01 |
| EVASIVO | F | P | F | P |
| | 1,50 | 0,21 | 2,65 | 0,07 |
| | 1,75 | 0,15 | 0,12 | 0,88 |
| | 1,05 | 0,36 | 4,19 | 0,01 |
| | 0,47 | 0,69 | 9,68 | 0,01 |
| | 1,80 | 0,14 | 5,69 | 0,01 |
| | 3,31 | 0,02 | 3,09 | 0,04 |
| EMOCIONAL | F | P | F | P |
| | 0,37 | 0,77 | 2,49 | 0,08 |
| | 1,58 | 0,19 | 1,95 | 0,14 |
| | 1,08 | 0,25 | 4,12 | 0,01 |
| | 1,07 | 0,35 | 2,02 | 0,13 |
| | 0,56 | 0,63 | 2,65 | 0,07 |
| | 0,26 | 0,84 | 0,66 | 0,51 |

4,95 e para aqueles sem preferência variaram de 3,73 a 3,85. No estilo evasivo variou de 3,19 a 4,09 para os simpatizantes do PMDB e para aqueles sem preferência as médias variaram de 3,88 a 4,26 (ver Tabela 6).

Tabela 6. Análise de variância para renda aproximada e preferências políticas da EMEP.

| DIRETO | Renda Aproximada | | Preferências Políticas | |
|-------------|------------------|------|------------------------|------|
| | F | P | F | P |
| Amigo | 6,97 | 0,01 | 9,77 | 0,01 |
| Esc./Trab. | 8,41 | 0,01 | 11,23 | 0,01 |
| Família | 10,26 | 0,01 | 11,32 | 0,01 |
| Parceiro(a) | 10,96 | 0,01 | 10,28 | 0,01 |
| Saúde | 11,06 | 0,01 | 7,57 | 0,01 |
| Vida | 8,01 | 0,01 | 14,55 | 0,01 |
| EVASIVO | F | P | F | P |
| Amigo | 3,67 | 0,01 | 3,19 | 0,02 |
| Esc./Trab. | 0,74 | 0,52 | 10,23 | 0,29 |
| Família | 40,54 | 0,01 | 0,43 | 0,73 |
| Parceiro(a) | 80,49 | 0,01 | 40,11 | 0,01 |
| Saúde | 30,96 | 0,01 | 10,22 | 0,29 |
| Vida | 10,21 | 0,30 | 0,80 | 0,49 |

Discussão e conclusões

Os resultados obtidos indicam algo peculiar nos estilos da amostra estudada. Em primeiro lugar, ratifica-se o caráter coletivista e afiliativo das regiões latino-americanas (Díaz-Guerrero, 1990; Gouveia & Clemente, 1998; Vera-Noriega, Albuquerque-Batista, Laborin & Moraes-Silva, no prelo). Observou-se que os moradores da Paraíba na maioria das situações problemáticas da família, escola/trabalho, parceiro (a), com a vida, saúde e amigos com o estilo direto revalorativo-social, seguido pelo evasivo, por fim, pelo emocional.

A população feminina possui uma tendência a emitir respostas mais diretas, revalorativas e sociais, contrariamente, a população masculina se caracteriza por emitir respostas mais evasivas e emocionais (médias mais baixas). A explicação a essas mudanças de papéis pode ser devido ao bom nível de escolaridade da população estudada, o qual pode provocar que as mulheres tenham mais possibilidades de aprender outras formas de enfrentar seus problemas, caso contrário, ocorre quando as mulheres possuem pouca escolaridade (tendendo para o desenvolvimento de papéis da dona de casa), sob esta influência particular a mulher possui pouco poder para influenciar na tomada de decisões (Aragón, Díaz, Aragón & Hernández, 1996). Também é importante recordar que os brasileiros que estão mais conformes com os valores tradicionais tendem a emitir respostas de *coping* consideradas como passivas (Díaz-Guerrero, 1997).

Também se apresentaram diferenças significativas por grupo de idade nas situações problemáticas vida, escola-trabalho, amigos, família, parceira e saúde, sendo o grupo de adultos os que apresentaram pontuações maiores nas médias das respostas de estilo evasivo e emocional, e os grupos de sujeitos jovens apresentaram maiores pontuações nas médias das respostas de estilo direto-revalorativo-social. González (1998) menciona que este comportamento é típico na população de sujeitos adolescentes, pois estas pessoas se encontram em constantes mudanças a níveis psicológicos, fisiológicos e em suas relações interpessoais, provocando conflitos em seu estado emocional. Por exemplo, as relações familiares compartilham sua importância com a crescente demanda das relações sociais extra familiares, situando o adolescente em constantes conflitos, por outro lado, os adolescentes tendem a emitir respostas evasivas nas relações de amizade, pois a emissão de respostas emocionais de raiva não são permitidas dentro de este contexto. O anterior, não faz sentido com os

dados encontrados, nos quais se observa que o adolescente percebe uma frequência alta de estilo direto – revalorativo social, tanto na família como com os amigos. Quando falamos de jovens estamos falando de pessoas com uma idade média de 19 anos e não de um adolescente de 14 a 18 anos, o qual não estabelece uma contradição com os avanços na teoria do desenvolvimento, mas é contrário ao encontrado com jovens mexicanos (Vera-Noriega & Silva, 2000)

La Rosa (1986) e Aguilar e Andrade (1994) mencionam que na medida em que os sujeitos incrementam sua idade tenderiam a desenvolver respostas com uma orientação mais auto-afirmativa, por ser condutas adaptativas ao meio social, pois como argumentam Triandis, (1994) e Berry (1994) as respostas dos indivíduos estariam em função da idiossincrasia de cada cultura.

Os empregados públicos de baixa renda e escolaridade (primeira fase do ensino fundamental) se utilizam com mais frequência de estilos diretos comparados com aqueles de mais de dez salários mínimos, com escolaridade referente ao ensino médio e autônomos, cujo estilo mais frequentemente escolhido é o evasivo. Isto indica que o estilo direto não requer de um aparato cognitivo desenvolvido na escola ou pela idade, porque é idiossincrático e está mais relacionado com o grau de modernização econômica e social, o qual se refere ao progresso em termos de seus indicadores sociais.

Existem dois argumentos próprios da cultura paraibana que podem explicar o que está ocorrendo. Inicialmente, explica-se pelo uso do tempo livre como forma de evasão, sair à rua, na praça, ou lugares públicos. O se divertir constitui uma forma de esquecer um pouco, “deixar para trás” os problemas. Pois, diferentemente do que acontece em culturas que percebem o lazer como uma contingência positiva para o trabalho, como um prêmio, nas culturas que se está fortemente presente o valor hedonismo, observam-se quotidianamente atividades que visam à obtenção do prazer, do recrear e do divertimento. Isso decorre do fato de não se interpretar o lazer, unicamente, como um produto do trabalho, mas antes como uma atividade contínua associada fortemente com as redes de apoio social. Existe nesta parte do Nordeste Brasileiro, a

conformação de uma estrutura social, econômica e comercial que permite a todos ter acesso e disponibilidade a uma tarefa social de divertimento seja para comer, beber ou descansar. Trata-se de um sistema de baixo custo e às vezes de baixa qualidade, que torna provável a conduta de fuga para um mundo social em que o individual adquire um sentido mais lasso.

O segundo argumento é que as percepções sobre as expectativas de futuro são planejadas frente à possibilidade de um golpe de sorte. As loterias e jogos de azar, os programas televisivos de auditório que dispõe de jogos e prêmios e os concursos onde o corpo e sua capacidade funcional definem os critérios de êxito são percebidos como as grandes possibilidades de mudança para as expectativas que convivem entre o real e o onírico. Os objetivos de vida e as estratégias para alcançá-las têm a estrutura de menor esforço com expectativas de êxito que superam suas habilidades, competências e possibilidades sociais da classe média.

Ocorre que no processo de desenvolvimento os adolescentes iniciam resolvendo problemas com um estilo diretivo e revalorativo, mas ao avançar a idade vão desenvolvendo formas evasivas que são mais próprias de sociedades que ressaltam os valores de descanso e a casualidade como elementos fundamentais para o estabelecimento e mantimento das redes de apoio social.

Os dados encontrados na presente investigação avaliam os princípios teóricos clínicos e etnopsicológicos que a sustentam, onde se considera que as respostas de *coping* incluem tanto condutas que se mantêm constantes no tempo e espaço, o qual esta em função dos valores que a cultura promove nas pessoas desde o momento do nascimento de cada sujeito e que evoluem como parte do repertório dos indivíduos ao longo da vida e condutas que variam segundo seja o contexto de ação, dependendo das necessidades particulares de cada pessoa. Sendo importante mencionar que o comportamento desta população urbana e de classe média tende a caracterizar-se mais para a estabilidade, ademais, ao preferir as respostas mais diretas e revalorativas de *coping*, refletem-se os padrões de conduta tradicional de uma cultura coletivista (como tipicamente se tem caracterizado a cultura brasileira).

Referencias

- Aguilar, V. R. & Andrade, P. P. (1994). Orden de nacimiento, autoconcepto y locus de control en adolescentes. *Revista la Psicología Social en México*, 4, 49-55.
- Antoniazzi, A. S., Del'Aglio, D. D. & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3, 2, 273-294.
- Aragón, R. S., Díaz-Loving, R., Aragón, S. R., & Hernández, A. V. (1996). Estilos y estrategias de poder: Un estudio exploratorio. *Revista la Psicología Social en México*, 6, 310-315.
- Aspinwall, L. G. & Taylor, S. E. (1992). Modeling cognitive adaptation: A longitudinal investigation of the impact of individual differences and coping on college adjustment and performance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 989-1003.
- Averill, J. R. (1973). Personal control over aversive stimuli and its relationship to stress. *Psychological Bulletin*, 80, 286 - 303
- Berry, J. W. (1994). Una aproximación ecológica a la psicología cultural y étnica. *Revista de Psicología Social y Personalidad*, 5, 93 - 107.
- Bolger, N. (1990). Coping as a personality process: A prospective study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 525 - 537.
- Carver, C. S. & Scheier, M. F. (1997). Necesidades y motivación. *Teorías de la Personalidad* (3ra. ed.). México: Prentice-Hall Hispanoamericana.
- Díaz-Guerrero, R. (1990). ¿Existen rasgos básicos en la personalidad de los mexicanos? *Revista Mexicana de Psicología*, 7, 121-129.
- Díaz-Guerrero, R. (1997). *La psicología del mexicano. Descubrimiento de la Etnopsicología*. México: Trillas.
- Díaz-Loving, R. (1998). Cultura y personalidad: Rasgos universales e idiosincrásicos. En: Alcaraz y Bouzas (Orgs.). *Las Aportaciones mexicanas a la psicología* (pp. 631-652). México: UNAM y Universidad de Guadalajara.
- Endler, N. S. & Parker, J. D. A. (1990). Multidimensional assessment of coping: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 844-854.
- Endler, N. S.; Kantor, L. & Parker, J. D. A. (1994). State-trait coping, state-trait anxiety and academic performance. *Journal of Personality and Individual Differences*, 16, 663-670.
- Folkman, S. & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping process: A theoretical analysis. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239
- Folkman, S. & Lazarus, R. S. (1985). If it changes it must be a process: Study of emotion and coping during three stages of a collage examination. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 150-170
- Folkman, S. Lazarus, R. S.; Dunkel, S. C.; DeLongis, A. & Gruen, R. J. (1986). Dynamics of a stressful encounter: Cognitive Appraisal, coping, and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 992-1003.
- Frydenberg, E. & Lewis, R. (1994). Coping with different concerns: Consistency and variation in coping strategies used by adolescents. *Australian Psychologist*, 29, 45-48.
- Góngora, C. E. A. (1998). *El enfrentamiento a los problemas y el papel del control: Una visión etnopsicológica en un ecosistema de tradición*. Tese de Doutorado em Psicologia. México: UNAM.
- Góngora, C. E. & Reyes, L. I. (1998). El enfrentamiento a los problemas en jóvenes adultos yucatecos. *La Psicología Social en México*, 7, 18-23.
- Góngora, C. E. A. & Reyes, L. I. (1999). La estructura de los estilos de enfrentamiento: Rasgo y estado en un ecosistema tradicional mexicano. *Revista Sonorense de Psicología*, 13, 3-14.
- Góngora, C. E. A. & Reyes, L. I. (2000). El enfrentamiento a los problemas y el locus de control. *La Psicología Social en México*, 8, 1165-1172.
- González, F. S. & Jiménez, T. A. (1998). Masculinidad y femineidad: el caso de la ciudad de Toluca. *Revista de Psicología Social en México*, 7, 57-71.
- González, F. C. F. (1998). Cultura y personalidad: Rasgos universales e idiosincrásicos. En: Alcaraz, y Bouzas. (Org.). *Aportaciones mexicanas a la psicología* (pp. 753-760). México: UNAM y Universidad de Guadalajara.
- Gouveia, V. V. & Clemente, D. M. (1998). *La medida del individualismo y del colectivismo. La Investigación en el Campo de la Psicología Cultural*. España: Universidade Da Coruña.
- Hartup, W. W. & Van Lieshout, C. F. M. (1995). Personality development in social context. *Annual Review of Psychology*, 46, 655-687
- Hoffman, M. A., Levy, S. R., Sohlberg, S. C. & Zarizki, J. (1992). The impact of stress and coping: Developmental changes in the transition to adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 21, 451-469.
- Kavsek, M. J., & Seiffge, K. I. (1996). The differentiation of coping traits in adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 651-668.

- La Rosa, J. (1986). *Escala de autoconcepto y locus de control: Construcción y validación*. Tese de Doutorado. México: UNAM.
- Laborín, A. J. F. & Vera-Noriega, J. A. (2000). Bienestar subjetivo y su relación con locus de control y enfrentamiento. *La Psicología Social en México*, 8, 192-199
- Larson, R. (1978). Thirty years of research on the subjective well-being of older Americans. *Journal of Gerontology*, 33, 109-125.
- Lazarus, R. S. (1991a). Cognition and motivation in emotion. *American Psychologist*, 46, 352-367.
- Lazarus, R. S. (1991b). Progress on a cognitive-motivational-relational theory of emotion. *American Psychologist*, 46, 819-834.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1991). *Estrés y procesos cognitivos*. México: Ediciones Roca. (Trabalho originalmente publicado em 1984).
- Lazarus, R.S. (1993). From psychological stress to the emotions: A history of changing outlooks. *Annual Review of Psychology*, 44, 1-21
- McCrae, R. R. (1984). Situational determinants of coping responses: loss, threat, and challenge. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 919-928.
- McCrae, R. R. (1993). Moderated analyses of longitudinal personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 577-585.
- Nolen, H. S.; Parker, L. & Larson, J. (1994). Ruminative coping with depressed mood following loss. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 92-104.
- Nunnally, J.C. & Bernstein, I. J. (1995). *Teoría psicométrica*. México: McGraw-Hill.
- Stanton, A. I.; Danoff, B. S.; Cameron, C. L., & Ellis, A. P. (1994). Coping through emotional approach: Problems of conceptualization and confounding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 350-362.
- Terry, D. J. (1994). Determinants of coping: The role of stable and situational factors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 895-910.
- Triandis, H. C., Bontempo, R., Villareal, M. J., Asai, M., & Lucca, N. (1988). Individualism and collectivism: Cross-Cultural perspectives on self-in-group relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 323-338.
- Triandis, H.C. (1994). Cultura. El nuevo enfoque en psicología. *Revista de Psicología Social y Personalidad*, 5, 1-20.
- Vera-Noriega, J. A. (1997). Género y control en el noroeste de México: conceptualización y medición etnopsicológica. *Proyecto de investigación*. CIAD. A. C.
- Vera-Noriega, J. A. & Silva, C. F. (2000). Análisis psicométrico de un instrumento de enfrentamiento a los problemas con una población del Noroeste de México. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 2, 29-35.
- Vera-Noriega, J. A.; Albuquerque-Batista, F. J.; Laborín, A. J. F. & Morales, S. A. (2002). Autoconceito em uma população do Nordeste Brasileiro. *Revista Psico*, 33, 37-52.

Recebido em 04/07/2002

Aceito em 20/01/2003